



**AS MÚMIAS DA IGREJA
DE SAINT-MICHEL**

LOUIS ADRIEN HUART

FREE BOOKS

LOUIS ADRIEN HUART

AS MÚMIAS DA IGREJA DE SAINT-
MICHEL

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL – CLÁSSICOS ESTRANGEIROS

Título: AS MÚMIAS DA IGREJA DE SAINT-MICHEL

Autor: Louis Adrien Huart (1813 – 1865).

Tradutor: Autor desconhecido do século XIX. Conto publicado originariamente no “Globo Ilustrado” (RJ), edição de 17 de setembro de 1882.

Imagem da capa: “Cabeça descarnada de uma das múmias da Igreja de Saint-Michel em Bordeaux” de Antoine Bourdelle (1861 – 1929), c. 1883.

Leiaute da capa: Canva.

Série: Clássicos Estrangeiros – vol. 23.

Direitos: Original e tradução de domínio público, (Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 art. 41, *caput*; art. 40, *caput* e parágrafo único).

Editor: Free Books Editora Virtual.

Site: www.freebookseditora.com

Ano: 2017.

Sites recomendados:

www.triumviratus.net, www.contosdeterror.com.br

Sumário

[AS MÚMIAS DA IGREJA DE SAINT-MICHEL](#)

[SOBRE O AUTOR](#)

AS MÚMIAS DA IGREJA DE SAINT-MICHEL

PRÓLOGO

São bem conhecidas as múmias da igreja de Saint-Michel em Bordeaux.

Num cemitério dependente de um convento, encontra-se uma certa quantidade de corpos petrificados ou, antes, reduzidos a pergaminho, porque a pele do ventre, das pernas e dos braços cede sob a pressão do dedo nela apoiado, apresentando a flexibilidade de um balão de criança ligeiramente cheio.

Foram camadas calcárias que produziram esse fenômeno e conservaram o estado natural dos entes mumificados, não apenas em relação aos corpos como, também, aos panos que os cobrem.

Os tecidos e as rendas estão intactos.

Também não há viajante que, passando por Bordeaux, deixe de visitar as múmias da igreja de Saint-Michel.

Não foi para fazer concorrência aos “Guides Joanne”¹ que escrevi este prólogo, mas sim porque estas explicações são necessárias à abordagem do assunto a tratar: as múmias em questão. E estas representam um papel importante nesta narrativa.

I

Gustav chegou desesperadamente na casa do tio.

— Vou-me matar — disse ele. — Hélène não me ama mais.

— Ela disse isto? — perguntou o tio.

— Não, mas ela me engana indignamente.

— Isto prova — disse o tio — que ela tem coração por demais e que pode dividi-lo.

— Não gracejes, meu querido tio, porque sinto que o desespero me matará.

— Já que tu me tomaste por confidente de tuas desgraças, quero curar-te.

—É impossível!

— Eu também, quando moço, amei e fui enganado. Mas tu bem vês que eu não estou morto.

— Teu pesar, tio, não era tão grande quanto o meu.

— Tu acreditas nisto? Mas eu tinha feito a ascensão às torres de Notre-Dame com a firme intenção de atirar-me lá de cima e dar cabo da existência.

— E quem te impediu?

— Um dos meus amigos que, por acaso, se achava ao mesmo tempo que eu numa das torres. Agarrou-me com força e levou-me consigo a fazer uma viagem.

— E uma simples viagem te curou de um violento amor? Ah, tu não amavas, meu caro tio!

— Não foi a viagem, mas uma certa múmia do convento da igreja de Saint-Michel, em Bordeaux.

— Tu ainda estás gracejando... fazes mal!

— Não... e para te provar que falo sério, partiremos juntos amanhã.

— Tu me intrigas e eu creio que não terá resultado a experiência que tu vais fazer comigo.

— Pouco te importa! Nada te retém em Pais, não é mesmo?

— Ai, não!

II

No dia seguinte, o tio e o sobrinho chegaram a Bordeaux.

Como não tinha trazido Gustav para fazê-lo comer rábano, levou-o prontamente ao pavimento onde são postas as múmias, como manequins de alfaiates, destinadas a receber as roupas de última moda.

— Queira deixar-nos a sós — disse o tio à guardiã do lugar. — Dar-lhe-ei uma boa gorjeta. Vá tranquila. Mas nos empreste o teu lume.

A velha porteira retirou-se.

— É esquisito — disse consigo Gustav. — Experimenta-se uma singular emoção dentro desta espécie de sepultura. Parece-me que estou destinado a tomar lugar entre esta horrível coleção. Não temo a morte, mas... nós deveríamos ter deixado a porta aberta: a claridade do dia teria lançado um pouco mais de alegria sobre...

— Não é preciso, sobretudo para as explicações que eu vou te dar.

— Tu vais me contar a vida de cada uma destas múmias?

— Não de todas, mas sim de uma só, cuja história conheço. Chega-te para cá e não temas em aproximar-te. Vês tu aquela mulher que está ali, no canto?

— Oh, horror! Com o seu véu de renda sobre a cabeça, assemelha-se a uma velha feiticeira.

— Foi a morte, uma morte cruel, que crispou assim os traços de seu rosto. Ela, porém, era uma das mais lindas mulheres há... cem anos. Era uma mulher mundana. Chamava-se Leona... a bela Leona.

E o tio, assim falando, encostou a tocha no abdômen da múmia, e o ventre teve um movimento de elasticidade, como se fosse borracha.

E o tio continuou:

— Era amante de um fornecedor, a quem arruinara. Como era o seu dever, seduzira um capitão das guardas reais, com quem se dignava a cear e ir aos divertimentos. Esse capitão era um passatempo, pois que, nada lhe faltando, aborrecia-se ela mortalmente, justamente porque nada tinha a desejar. Um dia, para se divertir, teve a fantasia de namorar um outro oficial do mesmo regimento, que se apaixonou loucamente por Leona. O capitão soube disso. Não tinha ciúmes do fornecedor, porque sabia que Leona não gostava dele. Mas o jovem oficial se tornava para ele um rival sério. Sob o primeiro pretexto, o provocou e matou-o num duelo de espadas. Este jovem oficial, ei-lo ali: é o terceiro cadáver petrificado, aquele da esquerda. Aproximando-se um pouco, verás um buraco por onde entrou a espada de seu adversário, para só parar no coração.

— Estou vendo, meu tio.

— Ele não sabia que um dia ficaria tão junto da bela Leona, que aqui está.

E, dizendo isto, o tio apoiou de novo a tocha no ventre de Leona, que sofreu

o mesmo movimento de elasticidade.

— A bela Leona! — murmurou Gustav, sempre pensativo.

O tio continuou:

— Dois meses depois, Leona havia arruinado completamente o fornecedor e despedido o capitão, de quem censurava a crueldade, como se ela não fosse a causa única do duelo. Amou, ou acreditou amar, um jovem cura, filho de família e padre por ser da moda. Amava Leona loucamente e gastou com ela todas as economias... de seu pai, que morreu de pesar. O padre soube logo depois que Leona, que supunha amá-lo, enganava-o com um reles ator cômico, que bebia e que, quando bêbado, em regra batia nela. As bengaladas que ela recebia sobre os ombros iam-lhe diretas ao coração: só estava feliz quando estava com ele. Louco de desespero, o padre envenenou-se. Ei-lo aqui, este desgraçado: é o sétimo depois do oficial.

— Como está horrível! — exclamou Gustav. — Que contorções medonhas... como deve ter sofrido antes de morrer.

— E Leona! A bela Leona! Ei-la aqui.

E começou de novo a agitar o ventre da cortesã.

— A bela Leona... — repetiu Gustav, cada vez mais pensativo.

O tio continuou:

— Um singular acaso colocou junto ao padre este a quem falta o lado direito da cabeça. Fez saltar os miolos, porque, tendo roubado para satisfazer às paixões de uma mulher, seria preso.

— E esta mulher, quem era?

— Leona, a bela Leona — acrescentou o tio, começando o jogo da tocha. — A coleção completa dos amantes de Leona não existe aqui. Agora, meu bom Gustav, tens ainda o desejo de atirar-se das torres de Notre-Dame, por causa de Hélène, digna êmula de Leona? Se tu fores enterrado em terreno que te possa petrificar, tu te acharás, lado a lado, de tua Hélène adorada. Como Leona está neste...

— Basta, meu tio, basta! — exclamou Gustav, completamente ofegante. — Vamos embora. Estou curado!

— Como eu o fui outrora, e juro-te que estás salvo para sempre. Tu vê's bem que as múmias da igreja de Saint-Michel têm alguma coisa de bom. Se a bela Leona fez mal enquanto viva, terá feito pelo menos grandes serviços uma vez, *a pergaminhada*.

SOBRE O AUTOR

Louis Adrien Huart (1813-1870), escritor e jornalista francês, editor do jornal satírico “Le Chaviari”, dedicava-se ao humor e à sátira política. Sob o título genérico de Fisiologias, publicou divertidos estudos de costumes parisienses que, contando com a colaboração de ilustradores como Daumier, Gavarni e Grandville, fizeram enorme sucesso em sua época. Foi, também, diretor de teatro.

Notes

[← 1]

Guias de viagens e turismo francês cujas edições circularam entre 1841 e 1921.